



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

ESTILO DE VIDA E CULTURA COMO CONCEITOS NORMATIVOS? PUTAS, MERDAS E OUTROS DEVIRES SUBVERSIVOS ¹

Luciano Jahnecka ²

Carmen Silvia de Moraes Rial ³

Luiz Carlos Rigo ⁴

RESUMO: *Se a emergência da noção de identificação não se limita a fixar a maneira com que nos percebemos e significamos nosso modo de agir no mundo, para além da pouca mobilidade deixada pela(s) identidade(s), a **constituição de si** está atravessada por deslocamentos, fragilidades e afirmações. A proposta deste artigo consiste em discutir os conceitos de **processo de subjetivação** e **estilo de vida**, entendendo que estes podem ser encontrados permeados por categorias que liberam os sujeitos do sedentarismo das identificações e também por isso dão forma a uma vida. Grandes e pequenos autores de sua própria vida, os **estilos** são como escolhas traçadas por relações possíveis muitas vezes improváveis que algum/alguém vai compondo e ao permanecer constantemente em diálogo consigo mesmo faz-se novas questões.*

Palavras-chave: subjetivação; estilo de vida; identificação.

RESUMEN: *Si la aparición del concepto de identificación no se limita a fijar la forma en que nos percibimos y cómo nos referimos a actuar en el mundo, más allá de la baja movilidad dejada por la identidad(es), la **construcción de si** está atravesada por desplazamientos, debilidades y afirmaciones. La propuesta de este artículo es discutir los conceptos de **proceso de subjetivación** y **estilo de vida**, entendiendo que éstos se pueden encontrar permeado por categorías que liberan a los sujetos del sedentarismo de las identificaciones, y también que forman una vida. Grandes y*

¹ Agradecemos à Luzinete Simões Minella pela atenção da leitura e as colaborações da Professora Joana Maria Pedro e do Professor Alex Vailati, ambos do PPG Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), todos os limites analíticos estão sob nossa responsabilidade.

² Aluno do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. Bolsa Capes.

³ Doutora em Antropologia Universidade de Paris V, professora dos PPG's em Antropologia Social e Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, professor do PPG em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

*pequeños autores de sus propia vida, los **estilos** se dibujan de las posibles relaciones a menudo poco probables que alguien elegí y en constante diálogo consigo mismo hace nuevas preguntas.*

Palabras-clave: subjetivación; estilo de vida, identificación.

ABSTRACT: *If the emergence of the identification concept not limited to fix the way we perceive ourselves and how we create meanings to act in the world, beyond few mobility(ies) left by identity(ies), the **constitution itself** is crossed by dislocations, weaknesses and affirmations. The proposal of this paper is to discuss the concepts of **subjectivity process** and **lifestyle**, understanding that these can be found permeated by categories that detach the subject of the identifications sedentarism, and also that they form a life. Large and small authors of their own life choices, **styles** are drawn for possible relationships sometimes uncommon that someone writes and in constant dialogue with himself makes up new questions.*

Keywords: subjectivity process; lifestyle; identification.

E somos obrigados a assumir a **singularidade** de nossa própria posição com o máximo de consistência. Só que isso é frequentemente impossível de fazermos sozinhos, pois uma posição implica sempre um **agenciamento coletivo**. No entanto, a menor vacilação diante dessa **exigência de referência**, acaba-se caindo, automaticamente, numa espécie de buraco, que faz com que a gente comece a se indagar: "afinal das contas quem **sou** eu? Será que **sou** uma merda?" E como se nosso próprio direito de existência desabasse. E aí se pensa que a melhor coisa que se tem a fazer é calar e interiorizar esses valores. (GUATARRI; ROLNIK, 1996, p.41, grifos nossos).

Os destaques dados a este trecho do livro que reúne os vários encontros feitos pela passagem do psicanalista Félix Guatarri a convite da também psicanalista e professora Suely Rolnik durante a década de 80 ao Brasil, referem-se à permanência e imposição de uma necessidade de identificar-se e assumir uma condição que lhe é própria. Durante a primeira parte do livro subtítuloado “Cartografias do desejo”, o conjunto Guatarri-Rolnik (1996, autor-autora) mapeia quais as condições que o desejo tem para ser inventado. Neste mapa composto por intensidades, fluxos e agenciamentos, dão destaque para a força daquilo que Guatarri denominou “**subjetividade capitalística**”, uma força que tenta evitar os processos de singularização permanentemente, paralisando mudanças profundas no plano macropolítico e no ínfimo, nas práticas sociais cotidianas.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Citamos dois exemplos corriqueiros do vetor força para manutenção deste processo que controla o desejo e procura torná-lo norma. O primeiro deles encontra-se no próprio trabalho conjunto de Rolnik-Guatarri, quando em uma matéria publicada no jornal Folha de São Paulo por conta da passagem de Felix Guatarri, o título de sua comunicação em uma das mesas-redondas foi substituído de “Cultura de massas e singularidade” por “Cultura de massas e individualidade”. Essa substancial alteração evidencia um processo serializado de identificação, isolamento e classificação em nível populacional que podemos chamar de individualidade (isolamento) em meio à cultura, uma vez que por **singularidade** Guatarri-Rolnik (1996) encontram mecanismos inventivos para lidar com a norma. Singularização por uma relação com o desejo que modifica e momentaneamente interrompe com a produção de subjetividades mesmas, ou massificadas. O segundo exemplo trata de decompor um dos mecanismos que reforçam aquilo que se convencionou chamar de cultura ocidental, pois ao controlar o sistema de signos a subjetividade serializada deixa inoperante parte de suas práticas. O exemplo é a recusa a incorporar signos que deslegitimem a boa moral e os bons costumes, como o sistema editor deste texto que não reconhece o signo “merda” e recusa incorporá-lo em seu banco de dados⁵.

Não procuramos atribuir aqui um processo inverso de responsabilidade por essa produção uniforme e maquínica (GUATARRI, 1996) por conta de algumas instituições concretizadas por este modelo de produção subjetiva, afinal conforme o posicionamento adotado para isto que estamos chamando de produção de subjetividade é composto por um jogo no qual estão colocados vetores de desejo e de normalização. Significa afirmar que neste campo de intensidades vai se transformando por um conjunto de processos onde as instituições são apenas uma parte promotora de individualidades e singularizações. Conforme o argumento de responsabilizar (a palavra mais adequada seria culpabilizar) o indivíduo ao nível da população, propomos neste trabalho analisar como são produzidas subjetividades através de relações que são suprimidas, silenciadas, estimuladas, ofertadas através de dois conceitos: o de **processo de subjetivação**, que atua na forma com que os sujeitos reconhecem, significam e exercitam formas e forças de suas práticas, e o de **estilo de vida**, pelo qual procuramos divergir daquelas posturas as quais identificam e fixam as

⁵ No prefácio do livro “Escrita de si, escrita da história”, Ângela de Castro Gomes (2004) analisa os processos de construção do eu a partir de seu trabalho com escrita de cartas, documentos biográficos e autobiográficos advertindo para a busca de uma unidade (identidade), e formas de organização específicas de determinada narrativa como a escrita epistolar. Neste processo de escrever experiências, uma releitura é feita colocando o sujeito em **relação a si mesmo**, assim como, sua relação com os outros, a quem está endereçada a escrita, etc. Diante disso, Foucault (2006a, p.235) diz em certo momento de sua trajetória tratar das condições possíveis do **saber** para fazer com que se reconheça **verdadeiro ou falso** (“jogos de verdade”), portanto as desconsiderações, proibições, permissividades tem efeitos na produção dessas verdades. Cabe aqui perguntar a possibilidade de existir devires-merdas, devires-putas e outros tantos modos de subjetivação, sem que incessantemente se seja convocado a prestar contas do lugar que falamos ou de uma condição a ser assumida permanentemente? É possível realizar uma **escrita de si** que permita escapar das regulações que serializam as subjetivações? Aqui utilizamos estes dois devires por serem recusados neste editor de textos.

subjetividades dissidentes, e transformar a noção de **estilo** em uma micropolítica combativa de singularização ao mesmo tempo que refuta a tomada do desejo por um encaixe, enquadramento⁶.

Uma linha de fuga de Foucault? Subjetivação, entre forças e formas

Entre os abalos e crises que sucederam o pensamento do filósofo Michel Foucault, uma das condições existenciais que o acompanhou ao longo de sua trajetória foi fazer da condição de pensar uma prática liberadora. “Não deixar ser dominado demais” e “fazer do pensamento um exercício de liberdade” funcionavam como chaves, e na melhor das hipóteses como “pés-de-cabra” para abrir portas e explorar novos caminhos (proibidos?), colocar em jogo sua própria vida. Após problematizar como são constituídos os saberes e aceitos como verdadeiros ou falsos, e de contrapor as teses de propriedade e concentração do poder, Michel Foucault fabricou uma terceira pista para permanecer sincero no seu exercício de pensar (sua vida), a qual chamou de “**subjetivação**”.

Nesta brecha aberta entre saber e poder, a subjetivação seria um dispositivo para colocar-se a si em uma relação consigo e com os outros. Em meio às formas pelas quais são constituídos os saberes e ao emaranhado de forças que atuam nas relações de poder, a subjetivação é tratada como um processo pelo qual a partícula “si” flexiona-se a ponto de tornar-se outra, ela própria.

Hypomnêmatas greco-romanos⁷, confessionário cristão, estes dois dispositivos ou técnicas que Michel Foucault (1994, 2006a) utiliza para problematizar nossa relação contemporânea com a sexualidade. Com suas importâncias, é através de práticas ligadas à sexualidade, mais com suas transformações do que permanências, o autor mostra como foram se constituindo verdades mais ou menos aceitas em certas épocas, seja sobre aquilo que hoje chamamos de sexualidade, sobre as formas de conduta corporal, formas de pensamento, enfim, técnicas formativas para pensar e agir. Este exercício feito por Foucault de visibilizar certas práticas que transformam códigos e condutas de diferentes épocas pode nos auxiliar na compreensão dos exames pelos quais os sujeitos são submetidos e submetem-se e como estas forças atuam de forma a dobrar a partícula si permanentemente.

Incomodado por ter a necessidade de ser colocado em algum lugar e de assumir uma condição que lhe fosse própria, reiterando a não separação entre vida e ética, teoria e prática, Michel Foucault recusa assumir uma unidade de seu pensamento, pensar igualmente o que já pensava, paralisar seu devir criativo, e em certo momento propõe provocativamente um ano no qual não se teria autoria, mas sim apenas obras. Primeiro, ao negar a condição de ter de admitir uma

⁶ A noção de Devir pode ser aqui referenciada como um fluxo afetado por linhas de força, menos do que um estado. Uma condição para tornar-se algo, menos do que forma pronta. Junto com a noção de multiplicidade, devir pode ser encontrado em: DELEUZE e GUATTARI (1995).

⁷ Foucault (1994, 2006a) problematiza a relação desta forma de escrita em diários na busca por um “conhecimento de si”.

continuidade entre autor e sua obra, e mais, a continuidade de um projeto supostamente homogêneo onde cada desvio é tomado como contradição ou como erro, o autor evita certa sujeição a um modo aceito como correto ou verdadeiro para se pensar, escrever, agir, viver.⁸ Assim, a noção de **modo de subjetivação** se presta ao determinar em que condições de uma determinada época (tempo e espaço) certos saberes combinam-se para serem aceitos (funcionar) como verdadeiros e falsos (“jogos de verdade”). Em seu caso, como quando e onde são colocados os sujeitos, “o a priori histórico de uma experiência possível” (2006a, p.235).

Com este provocativo jogo de obra sem autor, Foucault (2006b) escreve um artigo para um dicionário de filósofos trocando o nome que assina a autoria, o pseudônimo Maurice Florence. Parece querer aliados que não digam o que todos dizem de sua obra, aliados que encontrem passagens até então invisíveis, que o subvertam, menos como um mestre e mais como uma “ferramenta”, menos como totalidade e mais como disponibilidade⁹. Enfim, bifurcações e usos tomados de assalto permitindo experimentações e possibilidade de efetivação de tornarem aquilo que se deseja na relação consigo e com os outros.

Para a problematização de um **modo de subjetivação**, o autor recorre a dois momentos e a leituras distintas das forças que atuariam nos sujeitos a se reconhecerem como objetos de conhecimento. Em sua análise dos dois primeiros séculos do período greco-romano na antiguidade traz a tona a ideia de um “conhecimento de si” mais ligado a um exame das práticas de escrita na relação entre mestre e discípulo em uma busca pela verdade na relação que se estabelece em um e os outros. Na lógica cristã, acontece um exercício de negação de si através de práticas confessionais, onde a relação pastor e rebanho procura conduzir a um conhecimento único e verdadeiro, uma larga tradição carregada de Negativo, falta, culpa, etc.

A partir da transição do modo como se chega a uma verdade e de que forma se está colocado em jogos de verdade, mais do que validar ou recusar a crença em valores e saberes humanos constituídos, trata-se de analisar as técnicas utilizadas para constituir estas verdades de tempos em tempos. Desta forma com a lógica do que convencionou-se chamar de cristianismo o (re)conhecimento de si passou de um exercício privado de escrita através de hypomnêmatas (diários) na antiguidade, para a verificação pastoral das condutas e pensamentos através da introdução dos princípios de confissão e salvação. Reconhecer a si significava para o cristianismo admitir a culpa frente a Verdade, saber distinguir o que é certo do que é errado e fazer parte de um rebanho.

⁸ No caso de Foucault, estes “desvios” foram tomados como um “retorno ao sujeito”. Deleuze (2005), crítica severamente tais interpretações no último capítulo do livro “Foucault”.

⁹ Um pouco daquilo que Deleuze (1992) coloca como “filosofia pop”. Se existe uma função para filosofia, aquilo que seria fabricar conceitos, estes conceitos “passam ou não passam” como uma música, pintura, etc. Conceitos utilizados como potência seja para arte, política e ciência, um dos exemplos é a noção de “corpo-sem-órgãos”, no terceiro volume de “Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrênia” de Deleuze e Guatarri.

É a partir do pertencimento em grupos mais ou menos fixos que queremos nos deter a partir de agora. Contemporaneamente, seja sobre a reivindicação de um projeto de modernidade e/ou a reiteração de co-habitação em sociedade (marcos biopolíticos agrupando individualidades em termos de população), não é difícil verificar a continuação de um apelo pela identidade e unidade, uma vez que as partículas *si* que não podem, não conseguem, não querem, não participes dessa flexão são transformadas em anômalos, ora confinadas nas instituições especializadas cabíveis, ora tornadas invisíveis dentro e fora das atividades cotidianas. Dobradura (nos termos de Deleuze, 1992) mais facilitada através de seu reconhecimento em pequenos núcleos passíveis de compreensão, apropriação e exploração (identidades, e como diria certa lógica consumista, não fazer parte de grupo algum já é fazer parte de um, não existe escapatória).¹⁰

Entretanto, contrapondo uma identificação expressa por uma autoria e assinatura, Philippe Artières (2009) dá início a uma pequena “história do anonimato voluntário” feita pela escrita e leitura de cartas anônimas. A ambigüidade da utilização de cartas sem autoria reside no duplo uso de “resistência” e “controle” para os quais são destinados estes artefatos. Ao realizar uma tentativa de retirar uma identificação ou pelo menos “neutralizá-la” (2009, p. 307) como o autor coloca, as cartas de ameaça retiram um dos dispositivos utilizados para verificação e controle da “ordem”, e as cartas de denúncia, também desprovidas de autoria, provocam a efetivação do controle das condutas cotidianas fazendo o endereçamento das identidades passíveis de penalização segundo esta mesma “ordem”.

Além da imprecisão entre público/privado presente também na prática confessional, as intervenções feitas a partir das leituras de cartas anônimas intensificam a regulamentação das condutas cotidianas dos habitantes das cidades. Acima de tudo, fazer a sua própria identificação pelas condições de vida no social, comparando, hierarquizando e classificando, significa aceitar ser colocado em algum lugar. Retirar estas identidades que se dão através de relações de poder pode permitir com que se analisem os efeitos de tais relações menos do que quais foram seus autores.

Ao serem contextualizadas, as cartas analisadas pelo autor estão inseridas dentro de um momento de nova organização e formas de relações sociais, justamente quando se trata de configurar e confinar estas relações em um perímetro mais ou menos demarcado com a criação de “cidades”. Este deslocamento da relação pastor/rebanho para um auto-gerenciamento de seus próprios habitantes faz com que as “cartas de denúncia” funcionem como reguladoras das condutas públicas por meio de órgãos instituídos para gerir e controlar a vida nas cidades.

¹⁰ Não afirmamos com isto a responsabilidade de uma tradição cristã em introduzir e manter um princípio de identidade e reconhecimento das relações entre humanos através de identidades. Certas práticas fizeram com que o desejo fosse recalcado (negação de si) e transformaram as condutas dos sujeitos mais aceitas, pelo menos publicamente. Para isso também foi necessário tornar dizível o que acontecia na vida cotidiana, os pensamentos, os comportamentos, neste caso através de práticas confessionais. Nomeando e reconhecendo os “segredinhos sujos” para controlar as condutas e até certo ponto modificar leis. No entanto, somada a intervenção do Estado, certas leis passam a administrar a vida e permitem mobilizações em grupamentos mais ou menos homogêneos como forma de regularizar escolhas divergentes de “poderes hegemônicos”, como o surgimento das lutas de classe, gênero, geração, disputas étnicas, etc.

A prática de escrita anônima usada para subverter a “ordem” através de “ameaças” feitas por anarquistas (uma matriz identitária) nas intervenções com explosões em Paris no final do século XIX, diferia do anonimato daquela escrita empregada aos “bons costumes”, configurando um dispositivo de controle quanto aos seus efeitos. Reconhecer os efeitos mais do que as intencionalidades coloca visibilidade nas “qualidades” de uma escrita pertencer a certo grupo e não a outros possíveis. Assim a leitura das cartas, passa a ser o que diferencia condutas, comportamentos, associações permitidas e até estimuladas, daquelas invisibilizadas. Esta mesma prática de leitura feita por aparatos policiais reconhecia o pertencimento das moralidades de certas instituições e associações expressadas pela prática de escrita.

Assim, conforme o exame de algumas “técnicas de si” (Foucault, 1994), não queremos atestar o início e fim de uma determinada “subjetivação”, dizendo: “a partir daqui começa isto, vai até aqui, cessa para começar aquilo”. As práticas de si contemporâneas carregam um pouco de cristianismo, de antiguidade, a relação de si/outro/si, e si/outro/outro, etc.¹¹, e fazem com que nos perguntemos, em que condições somos forçados a chegar como estamos? Como chegamos até aqui? Sendo o histórico, o único a priori.

Mais do que uma identificação supomos que esta ausência de autoria projeta uma diferenciação. Também coloca no lugar de pertencimento um processo feito por associações, “agenciamentos coletivos”, condições de sua própria existência, e vai deslocando os sujeitos de lugar. A anonimidade das cartas anarquistas e da obra sem autor de Foucault não está em uma realidade paralela onde não existe qualquer inteligibilidade, ela compartilha de processos de reconhecimento (identificação), entretanto não se situa em lugar algum, fica em suspenso, deslocando e ocupando zonas mistas. Quase inclassificável, inominável, o anonimato provoca um curto-circuito nesta configuração que procura identificar na busca por alguma unidade.

Estilo de vida: continuação reacionária ou forma de singularização?

Com esta tentativa de retirada de unidade da forma com que vivemos coletivamente, onde cada vez mais sujeitos ocupam diversos espaços e assumem identidades mistas, não estaríamos desprezando a historicidade com que se formaram? Esta ausência de identidade significaria a desmobilização das chamadas “minorias sociais”? Será que não estaríamos retirando o único a priori que elegemos para “cartografar” as condições de existência? Diante de todo este quadro, onde a reificação de identidade encontra ressonância tanto de ordem local quanto global, a escolha pela singularização, isto é pela diferença, não isola sujeitos em pequenos fragmentos à mercê de alianças pré-determinadas ou previstas, uma vez que, feita por agenciamentos coletivos lida com acontecimentos e transformações no plano histórico para forjar uma “subjetividade artista” (Rolnik, 1997).

¹¹ Esta transposição das linhas de poder feita a partir dos saberes constituídos, coloca a relação de si com um outro contido neste mesmo si, ao mesmo tempo em que compartilha a relação de si com um outro fora de si.

Nunca “sobra” nada para o sujeito, pois, a cada vez, ele está por se fazer, como um foco de resistência, segundo a orientação das dobras que subjetivam o saber e recurvam o poder. A subjetividade moderna reencontraria o corpo e seus prazeres, contra um desejo tão submetido à Lei? E, no entanto, isso não é um retorno aos gregos, pois nunca há retorno. A luta por uma subjetividade moderna passa por uma resistência às duas formas atuais de sujeição, uma que consiste em nos individualizar de acordo com as exigências do poder, outra que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas. A luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose. (Deleuze, 2005, p.113)

Esta contestação de uma “subjetividade moderna” que imobiliza e individualiza as identidades, por um lado sujeita a reafirmação dos pertencimentos locais como conjuntos fixos e constantes, inertes às transformações e diálogos ao mesmo tempo em que são explorados. Por outro, realiza a dissolução dessas mesmas identidades tornando-as produtos acabados e de livre escolha sempre dentro da lógica consumista do “poder de compra”, as “identidades prêt-à-porter” (Rolnik, 1997).

Uma noção que merece especial atenção especialmente quando passamos por uma dissolução das identidades locais, retomando a distância entre individualização e singularização, é a de **estilo**. A afirmação de Gilles Deleuze citada acima no que se refere ao sujeito permanentemente inacabado e a negação de uma “importação” da vida dos “gregos” permite-nos realizar as aproximações e afastamentos necessários para pensar a noção de **estilo de vida** como uma possibilidade de experimentação daquilo que está porvir (um devir). Se nas morais antigas um “estilo de liberdade” era exercido através de uma prática, aquilo que podemos chamar de ética, este exercício era “um esforço para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo.” (Foucault, 2006c, p. 290).

Apesar disso, colocar autoria na existência chamada de “ética da existência” (Foucault) era praticada em meio a relações de subordinação entre “livres” e “escravos”. A condição de seres “livres” era construída em meio a um ethos “antigo”, por isso não há retorno aos “gregos” ou quem quer que seja, algo que afasta um modo de viver na antiguidade dos modos como se vive hoje. A condição de anonimato que também não é a do filósofo Michel Foucault e a afirmação da diferença por processos de singularização, oferecem à subjetivação mecanismos para evitar o que já está estabelecido e poderíamos reafirmar que isto passa pela **subjetividade capitalística** de Guatarri-Rolnik (1996).

A noção de estilo então se presta a um duplo movimento. Referenciada por um modelo identitário, este estilo é utilizado para reiterar o que vinha sendo chamado de “cultura”. Nos moldes da produção industrial prêt-à-porter as categorias de cultura de Guatarri e Rolnik (1996) são aplicáveis ao estilo: primeiro, demarcando uma subjetividade modelizada como consequência de

determinadas práticas (cultura-valor); segundo, acessar bens como mercadorias de consumo pelas quais se tem posse e propriedade de artefatos fabricados em certas épocas e locais (cultura-mercadoria), ou seja, ter posse sobre determinada mercadoria significa ser composto por um determinado “estilo”; e por último, capacidade exercida por reivindicar identidade, coloca em escalas subjetividades mais ou menos válidas.

Deste modo, o estilo pode ser entendido como um conceito reacionário tal qual a cultura foi assinalada por Guatarri-Rolnik (1996). Assim, o estilo vem sendo utilizado para normalizar as condutas fabricando corpo dóceis e produtivos em um sistema que subjuga a vida, por exemplo, um “estilo de vida saudável” onde existe apenas uma ética que tem implicações nos mais diversos campos (alimentação, exercícios físicos, tecnologias, etc.). O duplo uso de estilo reside no fato de utilizá-lo também como forma de alterar as relações de força com o poder. Um “estilo de vida” como a fabricação de uma ética singular que se dá na relação com os acontecimentos, traça linhas de fuga para as forças do poder e confunde os saberes constituídos.

Ao mesmo tempo em que é gerado um mal-estar por essa des-identificação, um “estilo de vida ético” (este último) cria maneiras de se relacionar com tudo aquilo que o agencia, sejam instituições, normas, desejos, etc. Recorremos aqui à noção de “infames” de Michel Foucault (s/d), que diz respeito a vidas suficientemente singulares para desordenar linhas de força que se pretendem uniformes através do poder.

Como já inferimos ao longo da problemática da subjetivação, a personificação e a recorrência do uso de identidades vêm tornando a vida projetada através de modelos de existência a serem seguidos. A infâmia de Foucault se apresenta em seres desprovidos de qualquer pretensão a ganhar visibilidade, “seres insignificantes, obscuros e simples, que devem apenas a processos, relatórios policiais, o fato de aparecerem por um instante à luz” (Deleuze, 2005, p.103).

Estes infames, animados por outros estados de existência, adquirem visibilidade nas malhas do poder ao mesmo tempo em que passam a fazer parte de uma história menor. Se a relação consigo na antiguidade buscava servir para a posteridade, a infâmia, não projeta uma busca para se tornar maior, mas efetua seus combates afastando-se de um encantamento pelo poder.

A infâmia, apesar de poder ser considerada um estilo de vida, através do exercício de uma prática dotada de anonimato, algo que apenas vem a superfície para depois imergir através do poder, despersonificada, passa a exercer a invenção de possibilidades de existência diferenciadas. Um estilo de vida que não é individual, tampouco individualista, ao passo que afirma com um Sim a condição de existência de não se enamorar pelo poder. Sua difusa nominação confunde quem sempre esteve acostumado aos encaixes das identidades, por mais voláteis que elas possam estar se tornando.

Amor, paixão e amizade: ideias embrionárias questionando a si

Demos visibilidade ao longo do texto a recursos utilizados para tentar escapar do círculo vicioso da identidade. Entre estes, problematizamos parte de uma condição possível para pensar e viver, como entendemos que foi a *subjetivação* para Foucault. Ainda, recorremos noção de infame do autor para demonstrar como o conceito de cultura foi transfigurado e surge muito mais fluído e disperso classificado como um estilo.

Evitando as vias reacionárias que um estilo pode encerrar em si, um estilo de vida atenta-se muito mais para as trajetórias, as escolhas e assim prática de uma escrita de si cercada por intensidades e afetos. Se um modo de subjetivação, não é um sujeito, uma pessoa, mas um campo de intensidades, o estilo de vida é a resultante da interação entre as forças que o compõem.

Entre alguns afetos que passaram a ser nomeados e, sob o regime das identidades estão se tornando esvaziados de efeitos, parece importante fazer uma distinção entre amor, paixão e amizade. Sobretudo quando estes estão sendo inoculados como receitas mágicas pelas quais se minimiza a “dor” e tenta sustentar por mais tempo uma “felicidade”. Assim poderiam ser feitas sob a ótica da subjetivação: **o amor** é pessoal, **a paixão** um acontecimento, despersonalização, um animal, um vento, e **a amizade** é a forma menos institucionalizada pela qual um e outro se dão prazer. Como seria feito um estilo de vida a partir da amizade?

Referências

- ARTIÈRE, Philippe. Tornar-se anônimo: escrever anonimamente. In: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo (orgs.). *Para uma vida não-fascista*. pp. 305-324. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. *Foucault*. Trad. Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. vol.4. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *As técnicas de si*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves. In: _____. *Dits et Écrits*. Vol. IV, pp. 783-813. Paris: Gallimard, 1994.
- _____. A escrita de si. In: _____. *Ética, Sexualidade, Política*. Coleção Ditos e Escritos V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. pp.144-162. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.
- _____. Foucault. In: _____. *Ética, Sexualidade, Política*. Coleção Ditos e Escritos V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. pp.234-239. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.
- _____. Uma estética da existência. In: _____. *Ética, Sexualidade, Política*. Coleção Ditos e Escritos V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. pp.288-293. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

_____. *La vida de los hombres infames*. Trad. Julia Varela e Fernando Alvarez-Úria. La Plata: Altamira, s/d.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: _____. *Escrita de si, escrita da história*. pp. 7-26. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade*. pp. 25-34. Campinas: Papirus, 1997.

Endereço para correspondência:

Luciano Jahnecka, Rua Profa Maria do Patrocínio Coelho, 413, Pantanal, Florianópolis. CEP: 88040-230

e-mail: jahnecka@ibest.com.br

Recursos utilizados: datashow.